

A IMPORTÂNCIA DE WITTGENSTEIN NO ESTUDO DA PRAGMÁTICA

Karina Corrêa Lelles
kalelles@hotmail.com

Poderíamos dizer que Wittgenstein foi um importante pensador que, dentre outros, com a sua teoria, tornou possível o que chamamos hoje de virada pragmática. Segundo NEF (1995), dois caminhos se abriram a partir da obra de Wittgenstein: uma filosofia da linguagem reformadora, fundada na paráfrase lógica, e uma outra, que seria a filosofia da linguagem descritiva ou ordinária. Esta última apresenta uma importância maior para este trabalho, pois, a partir dela, Austin, filósofo sucessor de Wittgenstein, abriu um novo campo na filosofia da linguagem, a pragmática, assim como um campo para a reflexão filosófica, o da relação do sujeito locutor com a sua língua, que não pode simplesmente se definir em termos de domínio da língua. Estes novos campos passaram a ser objetos de estudo de áreas tais como a lingüística e a psicanálise lacaniana. Apesar disso, fora do campo da filosofia da linguagem, Wittgenstein ainda é pouco citado nos estudos das diversas áreas que têm a linguagem como objeto de estudo. Sendo assim, neste trabalho me proponho a abordar alguns tópicos da teoria de Wittgenstein que nos auxiliam a entender a importância dos contextos lingüísticos e extralingüísticos na construção do significado das palavras, assim como ressaltar a contribuição do filósofo para que o significado da palavra deixasse de ser visto apenas como uma mera associação entre objeto e signo, ou simplesmente como algo doado por atos mentais.

Primeiramente, seria necessário compreendermos o que é a pragmática, pois devemos distinguir a pragmática que seria um segmento dos estudos da linguagem, da pragmática que seria apenas um campo de estudo privilegiado por algumas teorias. De acordo com Marcondes (200, p. 40),

Rudolf Carnap (1938) definiu a pragmática como o estudo da linguagem em relação aos seus falantes, ou usuários(...), mais recentemente o termo pragmática passou a englobar todos os estudos da linguagem relacionados a seu uso na comunicação. Uma outra concepção de pragmática se desenvolveu com base em correntes na filosofia da linguagem

e na lingüística que valorizam a linguagem comum e o uso concreto da linguagem como a principal instância de investigação da linguagem, tratando a semântica e a sintaxe apenas como construções teóricas. A filosofia da linguagem ordinária de Gilbert Ryle, a teoria dos atos de fala de Austin a concepção de jogos de linguagem de Wittgenstein, e mesmo a semiótica de Umberto Eco, dentre outras, podem ser incluídas nessa vertente. Trata-se basicamente de uma visão filosófica segundo a qual o estudo da linguagem deve ser realizado em uma perspectiva pragmática, ou seja, enquanto prática social concreta, examinando, portanto, a constituição do significado lingüístico a partir da interação entre falante e ouvinte, do contexto de uso, dos elementos sócio-culturais pressupostos pelo uso, e dos objetivos, efeitos e conseqüências desses usos. A pragmática não seria assim apenas um segmento dos estudos da linguagem, mas o seu campo privilegiado.

Devemos considerar, segundo Danilo Marcondes, que a teoria de Wittgenstein, assim como a de outros autores citados por ele, tem a pragmática como campo privilegiado. Ou seja, em Wittgenstein, o estudo da linguagem parte de uma perspectiva pragmática, na qual a prática social exerce uma função fundamental no processo de significação e compreensão das palavras. Mas ao mesmo tempo, devemos considerar que a teoria wittgensteiniana apresentou uma grande inovação para as diversas áreas que tem a linguagem como objeto de pesquisa e, desta forma, contribuiu para o surgimento do segmento chamado pragmática.

Como segundo passo, devemos compreender a concepção Wittgensteiniana da linguagem. A filosofia de Wittgenstein foi dividida em duas fases. Para o Wittgenstein da primeira fase, o sentido de uma proposição deveria ser univocamente determinado, uma vez que no mundo, assim como este é, nada pode ser vago e indeterminado. Nas proposições elementares que descrevem os estados de coisas mais simples, não deveria haver qualquer ambigüidade ou indeterminação de sentido, e, pois, qualquer possibilidade de mau entendimento. Porém, mais tarde, Wittgenstein percebeu o erro de idealizar uma linguagem perfeita, surgida com base especular, no lugar de observar o real funcionamento da linguagem e descrevê-lo. A partir daí, o filósofo revoluciona o campo dos estudos da linguagem com um enfoque eminentemente pragmático. De acordo com Araújo (2004, p. 99), a noção de jogos de linguagem, tema que será focado mais à frente, “abala inteiramente o paradigma estrutural, bem como

seu próprio paradigma lógico, calcado nas proposições, no qual ele assentara as bases do seu pensamento”.

Observando-se o modo real do funcionamento da linguagem, parece impossível conceber uma linguagem ideal com conceito de exatidão, já que dentro dos diversos discursos nos é claro que as palavras estão sempre carregadas de sentidos e intenções que serão possivelmente definidos se levarmos em consideração o contexto no qual estas palavras aparecem inseridas. Argumentando a respeito do reconhecimento de Wittgenstein em relação ao seu erro, Stegmüller (1977) afirma que não podemos encarar o conceito de exatidão desvinculado das relações interpessoais em que são usadas palavras e sentenças. Em uma determinada situação, uma expressão pode ter um significado suficientemente nítido; caso ainda existam dúvidas com respeito ao significado, elas poderão ser afastadas mediante explicações adicionais. Mas normalmente, com essas explicações consegue-se afastar apenas determinados mal-entendidos que surgem na situação concreta; de modo algum, porém, conseguimos afastar todos os mal entendidos e todas as dúvidas concebíveis. Contudo, isto é o que deveria ser exigido para que pudéssemos falar de um sentido absolutamente preciso. Sempre serão concebíveis inúmeras situações com as quais não contamos e para as quais não está fixado se e como uma expressão conhecida deve ser empregada.

Ao observarmos diversos discursos, percebemos que o uso de certos recursos lingüísticos como ambigüidade, ironia e metáfora só são possíveis porque a nossa linguagem possui regras que permitem o uso de um signo em situações diversas e até mesmo não habituais. Aliás, estes recursos se tornam muitas vezes indispensáveis quando pensamos em determinados discursos como propagandas, charges, crônicas, dentre muitos outros. Portanto, uma linguagem ideal, onde não houvesse qualquer ambigüidade, indeterminação de sentido e possibilidade de mau entendimento, como queriam os filósofos tradicionais, tiraria toda a possibilidade que temos de utilizar a língua como um jogo.

Para se compreender a teoria de Wittgenstein, também se torna necessário compreender uma outra crítica dele à filosofia tradicional. Segundo a concepção tradicional, o significado da palavra tinha a função de designar o nome de algo. De acordo com Wittgens-

tein, vemos o significado da palavra como nome de algo, pode nos causar grandes tormentos. Para Wittgenstein, quando Sócrates fazia perguntas tais como: “que é verdade?”, “que é o tempo?”, “que é probabilidade?”, ele estava cometendo um erro, pois ao retirar expressões abstratas do contexto em que elas surgem para contemplá-las isoladamente, buscando sua essência, impossibilita que se chegue ao seu conceito. Para Wittgenstein, o contexto é fundamental para se determinar o significado de uma palavra, e o ensino do significado é sempre um ensino relativo ao uso de algo. De acordo com Wittgenstein (1975), um signo isolado é algo morto que só ganha vida no uso. A seguinte analogia usada nos deixa claro o conceito Wittgensteiniano de uso:

(...) um mesmo quadro e, analogamente, um e mesmo radical de frase podem ser usados de maneiras diversas. Dependendo de como o quadro é empregado (para a descrição de um fato histórico, para fornecer instruções sobre a maneira como alguém deve não comportar-se numa determinada situação) ele adquire para o observador, um específico significado. E analogamente, o radical de frase recebe um dado sentido, dependendo de se vem usado de modo assertivo no modo interrogativo, no modo imperativo, etc. (Wittgenstein *apud* Stegmüller, 1977, p. 440)

Deve-se considerar que este conceito de uso está inserido no conceito de jogos de linguagem, pois o uso de uma palavra, e consequentemente seu significado, sempre estarão inseridos nestes jogos. Segundo Wittgenstein cada expressão lingüística (asseveração, pergunta, comando, etc.) acha-se sempre inserida num contexto mais ou menos abrangente de ações lingüísticas ou extralingüísticas. São principalmente estas atividades que Wittgenstein tem em vista quando utiliza a expressão “jogos de linguagem”. De acordo com Wittgenstein (1975), um jogo de linguagem consta nas situações normais, de uma seqüência de manifestações lingüísticas, a que se associa, ainda, uma determinada situação externa, e a que se juntam na maioria das vezes outras ações. Fazer relato de uma vivência, narrar um conto de fadas, ler um livro, deduzir teoremas, contar anedotas, dar ordens e instruções, descrever um quarto etc., seriam exemplos de atividades que Wittgenstein considera como jogos de linguagem. Como foi dito anteriormente, para Wittgenstein devemos considerar o uso de um signo lingüístico dentro de um jogo de linguagem, e não isoladamente, e as regras para o uso são as regras que governam o jogo de linguagem. Para todas as atividades discursivas, e para o ca-

so limite dos atos de fala, vigoram determinadas regras que os participantes de um tal jogo acolhem (situações normais).

Os jogos de linguagem são formas de vida, práxis entre outras práxis, em que importam o papel do signo e não sua significação última. Eles só fixam conceitos ou idéias se isso for necessário para a compreensão e para o uso adequado. Saber do significado envolve saber a que objeto alguém se refere uma dada ocasião de uso, se é gíria ou não, se é um segmento incompleto de uma fala, se a prosódia importa ou não etc. Saber disso é simplesmente saber como usar, e para Wittgenstein, quem sabe usar, simplesmente sabe o significado. De acordo com Araújo (2004, p. 232), “o discurso é uma prática em meio a outras tantas práticas, formado com regras anônimas, históricas, determinadas no tempo e no espaço, que definem para uma dada época e para uma dada área social, econômica, geográfica, ou lingüística, as condições do exercício da função enunciativa”. E daí surge a necessidade da pragmática. Todo discurso é uma construção social e não individual, que só pode ser analisado considerando seu contexto social. Para Wittgenstein, o contexto social também é essencial, pois é o uso das palavras, dentro deste contexto, que determinaria o que há para ser compreendido dentro de um discurso. Bakhtin (*apud* Mussalín, 2001), considera que a verdadeira substância da língua é constituída pelo fenômeno social da interação verbal e que o ser humano é inconcebível fora das relações que o ligam ao outro. E assim como Wittgenstein, Bakhtin (*apud* Mussalín, 2001) critica a concepção de língua enquanto estrutura, pelo fato de, ao ser tomada como alheia aos processos sociais, não ser articulável com uma prática social concreta, com a história e tampouco com o sujeito. Ao relevar a prática social e cultural, Wittgenstein compara a compreensão do signo lingüístico à compreensão de uma frase musical:

Compreender uma frase musical não pode deixar de envolver os conceitos de jogo de linguagem, de cultura, de vida. De fato, compreender uma frase musical não implica somente em compreender a música em geral (“nossa música”), isto é, o domínio de certas técnicas; exige- e a solução de Wittgenstein é de um contextualismo extremo, o domínio de outras técnicas próprias da nossa cultura, a capacidade de falar da música- de maneira culta, senão especializada- em relação a outras formas de arte, poesia, teatro etc., de produzir um discurso relativamente elaborado, envolvendo conhecimentos de outros setores da cultura. Se para compreender (a fundo) uma simples frase musical devemos (em última análise) mobilizar toda cultura é porque a frase está enraizada em

nossa linguagem, inserida em nosso mundo de idéias e de sentimentos. O que há para compreender na frase é determinado pela cultura". (Wittgenstein *apud* Chauviré, 1989, p. 119-120)

A teoria de Wittgenstein de que os signos podem assumir diversos significados de acordo com o contexto, é uma boa base para compreendermos como os discursos são verdadeiros jogos jogados com signos. E nestes jogos, o indivíduo tem a liberdade de significar e ressignificar as palavras de acordo com as suas intenções, experiências e representações, respeitando sempre as regras que regem esse grande jogo que é a linguagem. O contexto social e cultural estará sempre exercendo uma importante função para determinar o significado e o processo de compreensão das palavras dentro do contexto nos quais elas surgem.

As reflexões de Wittgenstein representam uma grande contribuição ao que hoje se sabe sobre linguagem, e sua teoria está enraizada em diversos ramos dos estudos lingüísticos. Segundo Araújo (2004), há algumas décadas, tanto os lingüistas como os filósofos, têm se debruçado sobre as questões abertas pela via Wittgensteiniana dos jogos de linguagem. Como foi possível observar ao longo deste trabalho, as reflexões empreendidas por Wittgenstein nos revela como os contextos lingüísticos e extralingüísticos são importantes para se determinar o significado de uma palavra. Sua concepção que para nós pesquisadores contemporâneos parece algo familiar foi um grande desafio para os estudiosos da época, especialmente para a filosofia tradicional que via o significado da palavra como algo previamente fixado e determinado. Concepção que também por muito tempo foi compartilhada pela lingüística. A importância de se conhecer a concepção wittgensteiniana deve-se a fato de que Wittgenstein foi um dos primeiros pensadores a considerar a práxis lingüística como algo determinante para compreendermos como ocorre o processo de significação e compreensão das palavras. E desta forma, sua teoria, conseqüentemente, influenciou tanto outros estudos com enfoques pragmáticos, como a pragmática vista como um segmento dos estudos da linguagem.

REVISÃO BIBLIOGRÁFICA

ARAÚJO, I. L. *Do signo ao discurso*: Introdução à filosofia da linguagem. São Paulo: Parábola, 2004.

CHAUVIRÉ, C. *Wittgenstein*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1989.

MARCONDES, D. Desfazendo mitos sobre a pragmática. *Alceu*, v.1, n.1, p. 38- 46, 2000.

MUSSOLIM, F. e BENTES, A.C. *Introdução à Lingüística II- Domínios e Fronteiras*. São Paulo: Cortez, 2001.

NEF, F. *A Linguagem*: uma abordagem filosófica. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1995.

STEGMÜLLER, W. *A filosofia contemporânea*. Vol. 2. São Paulo: EPU/EDUSP, 1977.

WITTGENSTEIN, L. *Investigações filosóficas*. São Paulo: Abril Cultural, 1975.

WITTGENSTEIN, L. *The blue and the Brown books*. Oxford: Basil Blackwell, 1969.